

## **TRAJETÓRIAS MILITANTES NO SUDOESTE GOIANO: AS MÚLTIPLAS DETERMINAÇÕES NO PROCESSO DE FORMAÇÃO DO PARTIDO DOS TRABALHADORES EM JATAÍ**

Fernando Silva dos Santos<sup>1</sup>

**Resumo:** O Partido dos Trabalhadores (PT), desde a sua criação no final da década de 1970, foi caracterizado como uma possibilidade de aglutinar e canalizar as manifestações que reclamavam a organização da classe trabalhadora no Brasil, as quais viviam ainda sob um regime militar que duraria de 1964 a 1985. Neste contexto, a pesquisa tem como objetivo a análise da formação e estruturação do PT na cidade de Jataí. Nosso referencial, para essa análise, são relatos das trajetórias pessoais de militantes e simpatizantes dos setores que participaram do processo de fundação do partido na cidade, relacionando-os a multiplicidade de processos singulares e particulares, que refletem, sob o prisma de uma análise dialética, um momento de síntese coletiva, ou seja, a mediação entre as experiências particulares dos indivíduos e a construção de objetivos comuns. O desenvolvimento da pesquisa apóia-se no debate sobre a consciência de classe, na análise documental e na coleta e análise imanente dos relatos das entrevistas, que buscam a partir das trajetórias militantes, traçar o perfil social de lideranças em cada um dos segmentos que se apresentavam como partes do processo de formação orgânica do partido.

**Palavras-chave:** Partido dos Trabalhadores – Consciência de Classe – Classe Trabalhadora

**Abstract:** Since its foundation in the end of the 70's, "PT" (the workers' party), was characterized as a type of possibility to agglutinate and to channel the manifestations that claimed for the organization of the working class in Brazil which still lived under a military regime that would last from 1964 to 1985. The goal of this research is the analysis of the formation and structuring of "PT" in the city of Jataí, Goiás. Our referential, for that analysis, are reports of the militants and sympathizers' personal paths and the sections that participated of the process of foundation of the party in the city, relating them with the multiplicity of singular and private processes that they contemplate, under the prism of a dialectical analysis, a moment of collective synthesis, in other words, the mediation between the peculiar experiences of the individuals and the construction of common objectives. The development of the research leans on in the debate over the class conscience, in the documental analysis and in the collection and immanent examination of the interview reports based on a detailed examination of the militant paths to trace the social profile of leaderships in each one of the segments that were parts of the organic process of the party formation.

**Keywords:** Workers' party - Class Conscience – Working Class.

---

\* Mestrando no Programa de Estudos Pós-Graduados em História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP e professor substituto do Curso de História da Universidade Federal de Goiás, Campus de Jataí.

## O SURGIMENTO DO PT E O ESTADO BONAPARTISTA

O Partido dos Trabalhadores (PT), desde a sua formação, no final da década de 1970, foi caracterizado como uma possibilidade de aglutinar e canalizar as manifestações que reclamavam a organização da classe trabalhadora no Brasil.

Se no contexto da luta de classes no final da década de 1970, a necessidade de organização da classe trabalhadora era latente, pelo menos nos grandes centros urbanos, reflexos das greves metalúrgicas do ABC paulista, como será ela é sentida e interpretada no interior do país?

Através da análise da formação e estruturação do PT na cidade de Jataí, no sudoeste goiano, buscaremos - entre relatos das trajetórias pessoais de militantes e simpatizantes dos setores que participaram do processo de fundação do partido na cidade, os documentos produzidos pelo partido no período - as relações entre a multiplicidade de processos singulares e particulares, que refletem, sob o prisma de uma análise dialética, um momento de síntese coletiva, ou seja, a mediação entre as experiências particulares dos indivíduos e a construção de objetivos comuns.

Essa síntese coletiva, resultado de experiências particulares, esboça suas formas de organização após um longo período sob um regime militar que duraria de 1964 a 1985, ou seja, em meio a um cenário de transição democrática que refletia a política de distensão do Governo do general Geisel, a retomada das lutas pelas liberdades democráticas e a grande efervescência dos movimentos sociais, colocam no cenário político nacional um novo sujeito político, a classe trabalhadora, que para Raquel Meneguello é,

(...) o surgimento de um novo sujeito político de representação, organizado em torno da articulação de setores do moderno operariado industrial e dos movimentos populares urbanos, e que, através de uma pauta de reivindicações específicas, procurava, sobretudo boa parte das classes trabalhadoras no Brasil. (1989, p.21)

As características e as aspirações deste novo sujeito estão expressas em um dos documentos que antecedem a criação do PT, a “*Tese de Santo André-Lins*”<sup>2</sup>, que lança as bases para a (re)organização dos trabalhadores naquele período, tendo como reivindicações: a desvinculação do aparelho sindical do aparelho estatal; democratização dos sindicatos, assegurando direito de igualdade, participação nas lutas e nas decisões destes organismos; a

---

<sup>2</sup> Os sindicalistas reunidos no IX Congresso dos Trabalhadores Metalúrgicos, Mecânicos e de Material Elétrico do Estado de São Paulo, na cidade de Lins, aprovam a tese, originalmente proposta por metalúrgicos de Santo André, “ chamando todos os trabalhadores brasileiros a se unificarem na construção de um partido, o Partido dos Trabalhadores”.

elaboração de um manifesto, chamando todos os trabalhadores brasileiros a se unificarem na construção de seu partido, o Partido dos Trabalhadores; que esse partido seja o partido dos trabalhadores da cidade e do campo, regido por uma democracia interna, respeite a democracia operária e que seu objetivo não seja apenas eleitoreiro.

No entanto, é importante ressaltar o caráter *anticapitalista* do documento, denunciando as formas de exploração da classe trabalhadora sob o jugo do capital, através de regime *autocrático*, patrocinado pela burguesia, configurando assim um *Estado bonapartista*.

A configuração desse Estado *bonapartista* reflete o processo de desenvolvimento desigual e combinado, presente na conformação dos Estados Latino-Americanos, cuja objetivação particular do capital engendrou marcas estruturais e particularidades que a distinguem das formações dominantes, que a imperializaram, tais como: formas econômicas tardias, incompletas e subordinadas aos capitais hegemônicos, produzindo estruturas sociais assimétricas que reforçam as condições materiais aviltantes e desumanas inerentes a esse processo.

A partir de formas de dominação autocráticas, a violência estrutural – que perpassa todos os poros da sociabilidade, juntamente com a imposição e manutenção dos interesses egoístas e mesquinhos do capital atrofado, através de artifícios inseridos nos campos de formação sócio-cultural – produz representações ideológicas que a impediram de compreender as suas contradições histórico-sociais e traçar um horizonte para seus dilemas específicos no circuito da mundialização do capital.

Nas lutas de classe, seja em sua forma velada, seja em sua forma aberta, as categorias do trabalho foram subjugadas a um poder desmedido graças ao recurso do *bonapartismo*. Nesse itinerário, as burguesias associadas que atuam como dínamo dos capitais metropolitanos valeram-se do anel perpetuador do Estado e do capital, por meio de ditaduras militares e democracias restritas, para a contenção das lutas sociais que pudessem atropelar seus interesses particularistas e abrir espaço para alternativas da perspectiva do trabalho. Assim, ao contrário dos países centrais, o que se tem nos países dependentes e de desenvolvimento tardio “é uma forte dissociação pragmática entre desenvolvimento capitalista e democracia, ou, usando-se uma notação sociológica positiva: uma forte associação racional entre desenvolvimento capitalista e autocracia...” (FERNANDES, 2006, p.341).

Essa forma particular do desenvolvimento capitalista em nosso país, a *via colonial*, a ausência da revolução democrático-burguesa em nossa história republicana propiciou formas autocráticas, oscilando entre a truculência de classe *manifesta* ou a imposição de

classe *velada*, ou seja, a autocracia burguesa *bonapartista* e a sua institucionalização, o regramento jurídico-político como forma de ser da democracia dos proprietários nacionais, ou nos termos de Florestan Fernandes, uma *democracia restrita*. Enfim, mesmo a sua forma institucionalizada é escassa diante do predomínio da truculência ou terror aberto das classes dominantes.

Com isso, os reflexos de um processo de rupturas institucionais e descontinuidades, engendraram um Estado democrático, fruto de uma revolução burguesa atrasada e periférica. Conforme Vera Lúcia Vieira, temos um Estado que “alterna períodos ditatoriais com períodos de dominação de classe, que configuram muito mais autocracias burguesas (...) do que a propalada, mas não concretizada democracia”<sup>3</sup>.

A modernização excludente gera uma burguesia egoística e particularista, que nessas condições históricas garante somente de modo limitado a inclusão social dos não-proprietários, criando e reproduzindo uma miséria permanente, posto que, enquanto autoreprodução do capital, subordinada e atrofada, não fornece bases materiais para incorporar e representar na forma da “cidadania universal”, civilizada, a maioria da população no território nacional. Por esta razão,

(...) desprovido de energia econômica e por isso mesmo incapaz de promover a malha societária que aglutine organicamente seus habitantes, pela mediação articulada das classes e segmentos, o quadro brasileiro da dominação proprietária é completado cruel e coerentemente pelo exercício autocrático do poder político. Pelo caráter, dinâmica e perspectiva do capital atrofado e de sua (des)ordem social e política, a reiteração da excludência entre evolução nacional e progresso social é sua única lógica, bem como, em verdade, há muito de eufemismo no que concerne à assim chamada *evolução nacional*. (CHASIN, José. A Sucessão na crise e a crise das esquerdas. IN: *Revista Ensaio 17/18*. São Paulo: Ensaio, 1989, p. 49).

É primordial reafirmar, portanto, que longe de parecer uma exceção, a dominação bonapartista em nossa realidade, na efetivação do “verdadeiro capitalismo”, estava em sintonia com a maneira como a burguesia buscava exercer sua dominação sobre o trabalho e a organização burocrática estatal.

Nesse contexto, o movimento por um partido da classe trabalhadora se mostrava naquele momento, extremamente necessário, não apenas como uma possibilidade autêntica de representatividade das classes trabalhadoras, isto é, uma organização de trabalhadores sem a tutela das elites, como no caso do populismo, ou por determinadas vanguardas políticas, como os movimentos anarquistas, socialistas e comunistas no Brasil (IASI, 2006), mas

---

<sup>3</sup> Vieira, Vera. Autocracia burguesa e violência institucional. *Revista Projeto História*, nº 32. “Direitos”. São Paulo: EDUC/PUC/SP. 2º/2005.

principalmente para completar fundamentalmente uma estrutura de Estado capaz de modernizar a exploração capitalista.

Dentro desse processo de modernização do Estado,

A sociedade capitalista e o estado burguês, não como conceitos abstratos mas de forma tangível, tal como o processo de desenvolvimento histórico os criou, constituem precisamente o subsolo sobre o qual se apóia a produção capitalista, forma ainda dominante da economia, ao lado da qual porém cresce a classe operária. É nessas condições que o Partido dos Trabalhadores deve atuar e destacar-se autonomamente como classe. (PEDROSA, 1980, p.47)

Ainda seguindo as definições de Mario Pedrosa, é preciso destacar as diferenças históricas na constituição da burguesia como classe dominante e do operariado. O primeiro, é o resultado da eliminação do antigo regime, engendrando o Estado nacional moderno como criatura, a partir dos escombros do velho Estado. Por sua vez, esse Estado, que é o Estado da dominação burguesa, não impede, mas ao contrário, necessita que a classe trabalhadora não apenas exista, mas também seja responsável por ser parte constituinte da força motriz do modo de produção predominante nesta forma de organização social.

## **A CLASSE EM MOVIMENTO**

“A idéia da formação de um partido só dos trabalhadores, é tão antiga quanto a própria classe trabalhadora” (*Carta de Princípios* - Comissão Nacional Provisória a 1º de maio de 1979)

Quais são os elementos que levam indivíduos, sob diferentes condições, se reconhecerem como classe?

Algumas indicações que refletem a necessidade e busca de uma tradição, ou seja, o “diálogo interminável entre o passado e o presente” (CARR, 2002, p.30) estão presentes na reorganização da classe trabalhadora e na construção das condições para de reconhecerem-se nos mesmos objetivos,

(...) uma classe surge quando alguns homens, em decorrência de experiências comuns (herdadas ou compartilhadas), sentem e articulam a identidade de seus interesses tanto em si quanto contra outros homens cujo interesses são diferentes dos (e normalmente opostos aos deles). (THOMPSON, 1997, p.64)

Muito embora a experiência de organização de um partido dos trabalhadores em meados dos anos de 1970 tenha trazido à luz novos elementos para a compreensão das tarefas

da classe trabalhadora e para a organização da luta de classes no Brasil, o Partido dos Trabalhadores não se configurou como a novidade única.

O Partido Comunista Brasileiro (PCB), embora tenha vivido curtos períodos de legalidade, reflexos das rupturas institucionais citados anteriormente, contou com uma expressiva militância operária e de trabalhadores em geral, e sempre “manteve forte influências no movimento sindical, e nunca deixou de se reclamar a exclusividade da representação da classe operária brasileira” (OLIVEIRA, 1986, p10).

A referência ao PCB é utilizada aqui para demonstrar que a bandeira de reivindicação de um instrumento de organização da classe trabalhadora no Brasil não é nova, embora ganhe novos elementos com o PT.

Mas voltemos então a nossa pergunta inicial, que nos remete ao debate sobre as condições objetivas e subjetivas do movimento do “fazer-se da classe” (THOMPSON, 1997 p.71), e as questões da consciência de classe.

Não se trata do que este ou aquele proletário, ou até mesmo do que o proletariado inteiro pode imaginar de quando em vez a sua meta. Trata-se do que o proletariado é e do que ele será obrigado a fazer historicamente de acordo com o seu ser. Sua meta e sua ação histórica se acham clara e irrevogavelmente predeterminadas por sua própria situação de vida e por toda a organização da sociedade burguesa atual. (MÉSZÁROS, 2008, p.55).

Mészáros nos apresenta aqui, um dos pontos nevrálgicos dentro dessa pesquisa. Sob quais condições o proletariado se vê diante da necessidade de lutar contra a opressão de um Estado autocrático, contra a intensificação da produção através da ampliação da jornada de trabalho, aliada às condições de trabalho, o acúmulo das perdas salariais impostas, manipulação dos índices inflacionários do período e ainda, uma tradição sindical acomodada a certa estrutura ligada a estrutura estatal e totalmente dependente desta.

Para entender as alterações na qualidade da organização da classe trabalhadora e seus reflexos na constituição do ser social, é necessário entender a consciência como um “movimento que ora se apresenta como consciência do indivíduo, ora como expressão da fusão do grupo, depois da classe, podendo chegar a diferentes formas no processo de constituição da classe até uma consciência que ambiciona a universalidade” (IASI, 2006, p.25).

Como o objetivo deste trabalho é reconstruir, através das trajetórias militantes no sudoeste goiano, as experiências singulares e particulares que, ocupados com suas questões mais imediatas (arrocho salarial, condições de trabalho, inflação, carestia, liberdade de

organização), encontraram em um movimento que eclode a algumas centenas de quilômetros dali, nos grandes centros urbanos e principalmente o ABC paulista das greves, a sua expressão de reconhecimento em uma luta em comum.

Mas como recompor os caminhos da organização de um partido, que tem como pressupostos essa base formativa, o setor mais moderno do operariado, os movimentos sociais das grandes cidades (luta pela moradia, contra a carestia, pelo transporte, dentre outros), as comunidades eclesiais de base (CEB) e intelectuais? E quando nosso foco de análise é uma cidade no interior de um Estado de base predominantemente agrária?

Para responder a essas duas perguntas e iniciar um processo de recomposição – através dos relatos dos militantes e simpatizantes do PT em Jataí – da trajetória da organização e formação de um partido em uma cidade do interior do Estado de Goiás, região que tem sua origem fortemente ligada a expansão das fronteiras agrícolas e com forte tradição da posse da terra, faz-se necessário percebermos quais são as bases, ou seja, os setores que fomentam o surgimento do partido.

## **O PT EM JATAÍ**

Notamos a princípio, que o setor do operariado moderno, grande responsável no período pelo elo entre os movimentos sociais, não se faz presente no processo de formação do partido em Jataí.

Por se tratar de uma pesquisa em andamento, notamos que grande parte dos relatos até agora coletados, são de servidores públicos, principalmente ligados a educação, envolvidos direta ou indiretamente com a formação do partido, trabalhadores que já experimentavam um movimento de organização, através do Centro dos Professores de Goiás (CPG), que se transforma posteriormente em Sindicato dos Trabalhadores em Educação de Goiás – SINTEGO.

Outros setores também merecem destaque, como o caso do Sindicato dos Trabalhadores Rurais, que chegam à região no bojo da organização de alguns assentamentos, bem como profissionais liberais ligados a esses movimentos e trabalhadores autônomos e da iniciativa privada. Há ainda relatos, ainda não apurados, da participação de padres da diocese de Jataí que participaram de algumas reuniões para a organização do movimento pró-PT.

Constituindo basicamente o setor mais representativo na organização do PT em Jataí, o CPG, como representante dos trabalhadores em educação no Estado de Goiás, terá

uma forte contribuição na organização da Comissão Provisória do PT entre meados do ano de 1981 e início de 1982.

A influência do CPG foi ampliando-se paulatinamente, pois se constituindo na região como um dos grupos mais representativos e organizados, a participação nas greves de 1978 e 1979, colocou em movimento um dos setores que sentia diretamente os reflexos da falta de liberdades democráticas, os reflexos da inflação e da carestia, a precarização das condições de trabalho, ou seja, os professores.

(...)havia esse debate (democracia), também, liberdade do cidadão, principalmente, porque na época você vivia uma situação que muitas coisas as pessoas tinha vontade de falar e não falava, tinha medo, eram poucas pessoas que tinha coragem de falar. (...)e também a dificuldade que o professor tinha, porque ele ganhava muito pouco naquela época.<sup>4</sup>

Assim como a realidade imediata cria as condições necessárias para um salto de qualidade na consciência do indivíduo ao relacionar as suas dificuldades diárias, que são compartilhadas também por seus companheiros, esse movimento não pode ser único, pois, “não se trata do que este ou aquele proletário, ou até mesmo do que o proletariado inteiro pode imaginar de quando em vez como sua meta. Trata-se do que o proletariado é e do que ele será obrigado a fazer historicamente” (MARX e ENGELS, 2003, p.49).

Concluindo brevemente, os aspectos aqui indicados de um Estado autocrático burguês, encontra no modelo *bonapartista*, os elementos necessários para modernização do Estado brasileiro, inclusive criando um ambiente de abertura democrática que proporciona o surgimento de um partido dos trabalhadores.

Por se tratar de uma pesquisa em andamento, que tem como referenciais principais os relatos de trajetórias militantes na formação de um partido no interior de um Estado de base predominantemente agrária, o Estado de Goiás, muitas são as dificuldades, tanto na localização das militantes e simpatizantes e coleta de seus depoimentos, bem como na seleção de documentos, pois, parte da documentação aplicada nesta pesquisa encontra-se ainda em fase de coleta e organização, uma vez que a cultura da organização de documentos produzidos ao longo do tempo pelos partidos, ainda carece de um tratamento adequado, isto é, quando eles de fato existem.

---

<sup>4</sup> Entrevista de Arioldo Alves da Rocha (professor aposentado, militante do CPG no final dos anos de 1970, ingressou no PT em 1982.) ao autor em 06 de março de 2009.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Jorge; VIERA, Maria Alice; CANCELLI, Vitória (org.). **Partido dos Trabalhadores: Resoluções de encontros e congressos**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1998.
- CARONE, Edgard. **Movimento operário no Brasil: 1964-1984**. São Paulo: Difel, 1984.
- CARR, E. H. **Que é história?** São Paulo: Paz e terra, 2002.
- CHASIN, José. A Sucessão na crise e a crise das esquerdas. IN: *Revista Ensaio 17/18*. São Paulo: Ensaio, 1989.
- CÉSAR, Benedito Tadeu. **PT: a contemporaneidade possível – base social e projeto político (1980-1991)**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2002.
- CHACON, Vamireh. **História dos Partidos Brasileiros: discurso e práxis dos seus programas**. 2ª ed. Brasília: Brasiliense, 1985.
- ELIAS, Norbert. **A sociedade dos Indivíduos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1996.
- FERNANDES, Florestan. **A Revolução burguesa no Brasil. Ensaio de interpretação sociológica**. São Paulo: Globo, 2006.
- FERREIRA, Marieta de Moraes; FORTES, Alexandre. **Muitos Caminhos, uma Estrela: memórias de militantes do PT**. São Paulo: Perseu Abramo, 2008.
- GADOTTI, Moacir & PEREIRA, Otaviano. **Pra que PT: origem, projeto e consolidação do Partido dos Trabalhadores**. São Paulo: Cortez, 1989.
- GRAMSCI, A. **Concepção dialética da História**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1991.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.
- HOBBSBAWN, E.J. **História do Marxismo. Vol. II e III**. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1982.
- IANNI, Octávio. **O colapso do populismo no Brasil**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1988.
- IASI, M. Luis. **Processo de consciência**. 2ª Ed. São Paulo: CPV, 2001.
- \_\_\_\_\_. **As metamorfoses da consciência de classe**. Expressão Popular. São Paulo, 2006.
- LUKÁCS, G. **História e Consciência de Classe**. Porto: Escorpião. 1974.
- \_\_\_\_\_. **Ontologia do ser social, princípio ontológicos fundamentais de Marx**. São Paulo: LEDCH, 1979.
- \_\_\_\_\_. **SOCIOLOGIA**. (org.) José Paulo Neto. São Paulo: Ed. Ática, 1981.
- MENEGUELLO, Rachel. **PT: A formação de um partido 1979-1982**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.
- MARX, K. **Miséria da Filosofia**. São Paulo: LEDCH, 1982.
- \_\_\_\_\_; ENGELS, F. **Obras Escolhidas**. Vol. I, II e III. São Paulo: Alfa-Ômega, s/d.
- \_\_\_\_\_. **A Ideologia Alemã**. 3ª ed. Lisboa: Martins Fontes, 1976.
- \_\_\_\_\_. **A Sagrada Família**. São Paulo: Boitempo, 2003.
- MÉSZÁROS, Isteván. **Filosofia, Ideologia e Ciência Social**. São Paulo: Boitempo, 2008.
- MIRANDA, Paulo Roberto. **A Metamorfose Petista: um estudo sobre o PT em Goiás (1980-2002)**. Goiânia: UFG, 2004. (Dissertação de Mestrado em Sociologia).
- NEIVA, Aulo Plácio Gontijo. **O PT em Goiás: tendências Internas (1980-1991)**. Goiânia: UFG, 2003. (Dissertação de Mestrado).

PEDROSA, Mário. **Sobre o PT**. São Paulo: CHED, 1980.

PRZEWORSKI, A. **Capitalismo e social-democracia**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

RODRIGUES, Leônicio M. **A composição social das lideranças do PT. In: Partidos e Sindicatos: escritos de sociologia política**. São Paulo: Ed. Ática, 1990.

\_\_\_\_\_. **Partidos, ideologias e composição social: Um estudo das bancadas partidárias na câmara dos deputados**. São Paulo: Ed. USP, 2002.

SADER, Eder. **Quando novos personagens entram em cena: experiência, falas e lutas dos trabalhadores da Grande São Paulo, 1970/1980**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

SADER, Emir (org). **E agora PT: caráter e identidade**. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.

SARTORI, Giovanni. **Partidos e sistemas partidários**. Brasília: Ed. UNB, 1982.

THOMPSON, E. P. **A Formação da Classe Operária Inglesa**. R.J: Paz e Terra, 1997.

VIEIRA, Vera. “Autocracia Burguesa e violência institucional”. In: **Revista Projeto História**, nº 32. “Direito”s. EDUC/PUC/SP. 2º/2005.